



Gabinete do Arcebispo Primaz

DISCURSO

Ref. DSC_19/2016

*Discurso na abertura do
I Fórum Missionário*

Braga, 25.Nov.2016, 21h30

O que nos une a todos

Ninguém deseja dias de negrume. Tentamos evitá-los de todos os modos. Causam-nos desconforto, ansiedade. Desconcertam-nos. Um dia, uma hora até, de escuridão parece uma eternidade. E é precisamente nesta dilatação do tempo que grandes figuras da Humanidade se questionam, e nos questionam, sobre a identidade que nos caracteriza. Respondermos à pergunta “o que nos une a todos?” apenas é possível na medida em que formos capazes de responder à exigente pergunta “quem sou eu?” ou, se preferirmos, “quem somos nós como povo?”.

Na Sagrada Escritura esta dinâmica é muito clara. Recordo, a título de exemplo, o Exílio da Babilónia. Durante 50 anos, os hebreus do Reino de Judá foram mantidos em cativeiro após um penoso processo de deportação. É neste arco de tempo que uma parte significativa do livro do Génesis é escrita. Um livro fascinante que nos desconcerta e nos confronta com os traços de identidade presentes em todos nós: a paixão, a pureza, a curiosidade e a fidelidade mas também, por outro lado, a inveja, a dor, a traição e o poder.

Foram existindo, infelizmente, diversos outros cativeiros ao longo da nossa história. Penso, de modo particular, nos refugiados do Norte de África. A pobreza da nossa fraternidade e indiferença só é comparável à imensidão daquele mar transformado em cemitério. Será isto o que nos une? Mas recordo também o período negro da história recente da Humanidade que foi o Holocausto. Grandes escritores como Primo Levi, Imre Kertész ou Elie Wiesel, prémio Nobel da Paz, deixaram-nos testemunhos reais do quanto a crueldade humana pode confundir-se com o mais horrendo filme de ficção científica. E no meio desta ausência do sentido, Elie Wiesel dizia-nos: “sem memória, a nossa existência seria estéril e opaca, como uma cela de prisão na qual nenhuma luz penetra; como uma tumba que rejeita o vivente. [...] Para mim, a esperança sem memória é como a memória sem esperança”.

Penso que esta é precisamente a primeira dimensão que nos une a todos: a memória. A memória colectiva de um povo que respeita os seus antepassados, a sua história e os seus valores. Sem memória não há identidade nem futuro. Por vezes, como sabemos, a memória precisa de ser purificada. É neste sentido, por exemplo, que a Igreja propõe os jubileus ou o “ano do perdão”. São momentos favoráveis, tal como foi este Ano da Misericórdia, para nos libertamos individual e colectivamente daquilo que nos oprime, que nos impede de progredir e, numa lógica de fé, daquilo que nos afasta de Deus. Mas a nível civil e histórico, o jubileu do perdão era também uma oportunidade para perdoar dívidas ou crimes e oferecer a oportunidade de um novo rumo.



Mas a memória reporta-nos também aos feitos alcançados enquanto colectividade e os valores que sustentaram tal valentia. Todos sabemos que um dos períodos de ouro de Portugal foi a Era dos Descobrimentos. De Portugal saíram naus à procura do desconhecido, à procura de encontrar novas terras e de expandir o cristianismo. Na procura de uma rota alternativa para as “Índias”, encontrámos terras de África, América e Ásia. Nas naus transportávamos somente a coragem e o desejo de nos imortalizarmos. Reconhecemos, de igual modo, que a Era dos Descobrimentos Portugueses foi norteada e imbuída de um espírito missionário. Sinais perenes deste espírito são os marcos de pedra com as Armas Portuguesas – as cinco quinas e a Cruz de Cristo – espalhados pelos quatro cantos do mundo como sinal identificativo deste pequeno país.

Teófilo de Braga, na sua narrativa *Viriato*, dizia que a “alma portuguesa” era feita de tenacidade e indomável coragem, de uma profunda sentimentalidade, de uma capacidade especulativa para as ciências e, por fim, de um génio estético. Não fosse a sua formação positivista, e certamente reconheceria que a fé é um património ininterrupto e um pilar da alma portuguesa. Bastaria recordar D. Afonso Henriques, D. Nuno Álvares Pereira ou ainda D. João IV e sua forte ligação a Nossa Senhora da Conceição. Bastaria recordar os feriados religiosos ou o modo como a fé e os valores cristãos estão na base da nossa portugalidade. Na verdade, por mais que se tente eliminar do preâmbulo da *Constituição Europeia*, o velho continente tem raízes e uma matriz judaico-cristã. Une-nos a todos, permitam-me dizê-lo abertamente, a fé e os valores do Evangelho.

A memória é a pergunta da nossa identidade presente e dos nossos anseios futuros. Escreveu William Shakespeare, pela voz de Ofélia em *Hamlet*, que “sabemos o que somos, mas não aquilo que poderemos ser”. O que queremos ser? Como gostaríamos um dia, enquanto nação, de ser recordados e o que podemos fazer hoje pelo amanhã?

Gostaria, antes de mais, de recuperar algumas palavras do Papa Francisco. Considero-as proféticas para os dias da nossa existência. “A verdade, porém, – diz o Santo Padre – é que Deus ao criar-nos, sem dúvida livres na existência, predispõe de certo modo a nossa existência ao pensá-la e dotá-la das capacidades requeridas para uma missão concreta ao serviço desta humanidade que Ele ama”. Temos uma predisposição inapta, diz o Papa Francisco, para uma missão de serviço à humanidade. E esta afirmação é tida como uma *verdade*. Sublinho *verdade* porque vivemos, dizem os comentadores, no tempo da pós-verdade e das inverdades. O jogo das palavras, dos projectos pessoais e a decadência da ética empurram-nos para o abismo do relativismo. A verdade, pelo contrário, é fiel a si mesma. Que nação seríamos nós sem este espírito tão característico da fraternidade e da hospitalidade? Que povo



seríamos nós se indiferentes ao sofrimento e à miséria dos nossos irmãos. O dinheiro e o poder, sem amor, de nada valem. Une-nos, por isso, a solidariedade, a amizade e o humanismo, seja ele cristão ou simplesmente filantropo.

A última dimensão que gostaria de realçar esta noite é a do diálogo. Não sei bem se vivemos tempos de “diálogos de surdos” ou de “ausência de diálogos”. A democracia recente apresentou-nos e incutiunos, como sabemos, a expressão “necessidade de consensos”. Eu optaria por diálogo. Bem sei que a origem da palavra *consenso* é eloquente. Do latim *consentire*, significa *sentir com*, *sentir junto*. Mas não é também verdade que consenso, nos dias correntes, revela antes a cedência ou o pacto de vontades para se atingir um fim? Na base do consenso está, neste sentido, um conflito latente. Por outro lado, o diálogo é a transformação da realidade pela palavra. Palavra que transmita verdade, confiança, esperança, afecto e proximidade. A violência, seja ela de que género for, apenas gera violência. Mas a palavra, por sua vez, aproxima, transforma e gera, segundo o pensamento do Papa Francisco, a *cultura do encontro*. Precisamos de nos encontrar e de falar. É isso que pretendemos neste I Fórum Missionário. O dia de amanhã será marcado por 4 painéis temáticos: **1.** Refugiados no séc. XXI; **2.** Desporto no mundo globalizado; **3.** A mulher na sociedade; **4.** Comunicação social: convivência entre o local e o global. São quatro encontros sobre temas que nos unem a todos, que nos preocupam. Procurámos respeitar a diversidade de opiniões e de visões. O confronto, quando equilibrado, faz-nos bem. Só o diálogo constrói algo novo. O consenso, em determinados momentos, pode também ser significativo e necessário. O bem comum exige-o e o diálogo é o caminho para lá chegar.

Mas permitam-me que apele a um outro diálogo. Ao diálogo entre crentes e não-crentes. A Arquidiocese de Braga, não obstante a sua história milenar e fortes tradições, tem sabido manter um espírito jovem, aberto e inclusivo. Respeitamos e acolhemos a não-crença. Existem, de certos, muitas coisas que nos unem, mesmo ao nível – podemos dizer – metafísico, ou seja, para lá do material. O ciclo de conferências Nova Ágora pretende manifestar isso mesmo: um diálogo construtivo que nos aproxima, onde aquilo que é diferente e verdadeiro é, afinal, o que nos une a todos. Também aí teremos a oportunidade, assim o espero, de ouvir falar o Senhor Presidente sobre multiculturalismo. Agora acolhamos o seu pensamento sobre o tema que nos trouxe cá. Será uma ajuda preciosa para concluir que é muito mais o que nos une na missão de construir um Portugal solidário do que aquilo que nos divide nas desigualdades sociais, algumas delas escandalosas.

D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga



Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*